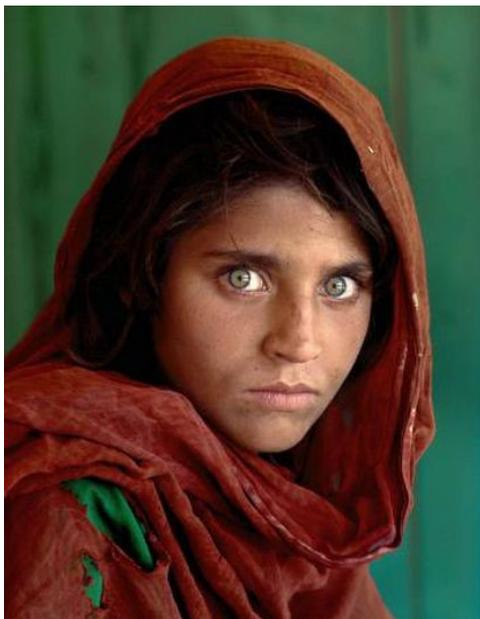


Menina afegã, capa da *National Geographic*, em junho de 1985. Fotógrafo STEVE MCCURRY



Nenhum espaço do corpo é tão adequado para marcar a singularidade da pessoa e revelá-la socialmente, como o rosto. Nascermos à procura de um rosto, o da nossa mãe, e foi ao encontrar acolhimento nesse rosto que viemos ao mundo, aceitando viver e tomando consciência de que no rosto dos outros podíamos ver a singularidade da pessoa, a sua expressão, a sua historicidade, a sua vida e mais: ver também o mistério da pessoa do outro, porque é, precisamente, o rosto que marca a fronteira entre o visível e o invisível, as palavras e o olhar

nós que nascemos à procura de um rosto

JÁ SE NÃO USAM MÁSCARAS, pelo menos ao ar livre, e voltamos a poder olhar para os rostos na sua nudez. Durante muito tempo, tivemos de renunciar ao “cara a cara” com amigos, conhecidos, pessoas que se cruzavam nos nossos caminhos, às vezes, até, com pessoas que moravam na nossa casa e familiares. De facto, a nossa surdez aumentou, e esta não é, apenas, a incapacidade de acolher mensagens sonoras, mas, acima de tudo, uma falta de acolhimento das expectativas e dos desejos que se expressam nos rostos dos outros. Talvez nos tenhamos olhado com maior intensidade nos olhos, mas tivemos ocasião de experimentar que, apenas, o rosto permite aquela experiência humana fundamental, em que a identidade de uma pessoa se oferece e se acolhe, nesse frente a frente.

A posição de cara a cara é a situação originária, onde se cultiva a relação e a comunhão, onde se constitui a identidade humana, porque cada um se deixa moldar pelo outro numa recíproca fecundidade. O humano é o único ser que possui rosto, aliás, podemos dizer com Emmanuel Lévinas, que ele é "rosto", sempre "voltado" para o outro, com as suas expectativas ansiosas de que as ouçam.

Nenhum espaço do corpo é tão adequado para marcar a singularidade da pessoa e revelá-la socialmente, como o rosto. Nascermos à procura de um rosto, o da nossa mãe, e foi ao encontrar acolhimento nesse rosto que viemos ao mundo, aceitando viver e tomando consciência de que no rosto dos outros podíamos ver a singularidade da pessoa, a sua expressão, a sua historicidade, a sua

vida e mais: ver também o mistério da pessoa do outro, porque é, precisamente, o rosto que marca a fronteira entre o visível e o invisível, as palavras e o olhar.

Infelizmente, estamos acostumados a ver rostos de passagem, superficialmente, e temos medo de "olhar", intencionalmente, o rosto do outro: tanto que, se o outro se apercebe disso e nos olha, baixamos os olhos com um pouco de timidez ou de vergonha. O rosto deve ser olhado, contemplado, porque só assim temos acesso ao conhecimento do outro: a singularidade do rosto, a possível presença nele de traços do seu parentesco, o sofrimento narrado pelas rugas e pelos sulcos deixados por lágrimas, deveriam ser sempre uma revelação! Os gregos tinham uma compreensão tal da singularidade do rosto humano, que qualificaram os escravos como *aprosopoi*, os "sem rosto", e percebiam que o rosto é a emergência da interioridade própria de uma pessoa, a ponto de afirmar que cada um tem o rosto que merece, ou que construiu para si. Mas aprender a ler o rosto, também, significa aprender a ler o mundo, porque, no rosto, cada um se apresenta na sua identidade. Como o vocabulário revela, o rosto também é "faccia", de *facio fare*, portanto, uma realidade que cada um constrói em conjunto com o tempo, como um escultor. Como deixar de reconhecer que, sobretudo, a maldade e a hipocrisia moldam o rosto que se transforma na sua epifania? E que a bondade e a compaixão forjam um rosto que inspira paz e acolhimento? Assim, todo o ser humano revela a sua alma no rosto!

ENZO BIANCHI, monge italiano. da Comunidade de Bose, na Itália,
em artigo publicado por *La Repubblica*, 19-07-2021.

O mistério de um rosto, de um olhar, e a burqa

1 - Um rosto é um milagre. Há hoje no mundo quase 8 mil milhões. Nenhum igual a outro: cada rosto é único.

Um rosto é a visita do infinito e a sua manifestação viva no finito. Nunca ninguém viu o seu rosto e o seu olhar a não ser num espelho e sobretudo no olhar de outro rosto.

Para rosto há muitos nomes: rosto, cara, face, aspecto, máscara-pessoa. De um modo ou outro, todos indicam a visibilidade de um alguém. Que é um rosto senão alguém que se mostra na sua aparição? O rosto é a nossa exposição, o nosso estar voltados para os outros e para a frente, para diante.

O que vai na alma vem ao rosto. Há o rosto sereno, ou amargurado, ou severo, ou alegre, ou rancoroso, ou triste, esfarrapado, revoltado, suplicante, pensativo, esfomeado... De homem, criança, mulher. Ah!, e, quando dizemos a alguém que está com óptimo aspecto, possivelmente a resposta será: "Não me queixo do aspecto". Talvez essa pessoa não se queixe. Mas as fortunas que se gastam para se compor e arranjar o aspecto!... Ah!, a aparência, o parecer!

Um rosto estoira em riso; um rosto desfaz-se em lágrimas. A criança tem o rosto da manhã; nas rugas do rosto

velho, está escrito o trajecto de uma história.

A beleza estonteante do riso num rosto nunca será explicada pela física. Penso que a química nunca há-de explicar as lágrimas de alegria, de dor, de horror, de compaixão, que nascem da fonte do olhar e descem por um rosto.

2 - O rosto concentra-se no olhar. É dele que fala o filósofo E. Levinas quando fala do outro como *visage*. O que é o olhar senão a luz que se acende na noite do mistério? Não é dos olhos que se trata. O mistério é o olhar. Um dia terão perguntado ao filósofo Hegel o que se manifesta e vê num olhar. E ele: "O abismo do mundo."

Num olhar, o que há é alguém que vem à janela de si e nos visita. Também por isso, para tornar alguém anónimo, venda-se-lhe os olhos. Faz-se o mesmo a um condenado à morte, porque é intolerável o seu olhar.

Repito: até para nós próprios somos por vezes terrivelmente estranhos. Quem nunca se surpreendeu ao olhar para o seu próprio olhar no espelho? "Quem é esse ou isso que me vê, desde o abismo?"

Essa estranheza assalta-nos até no olhar de um animal: um cão velho e abandonado que nos olha não nos deixa indiferentes. Mas é sobretudo o olhar de alguém que é perturbador. Ele há o olhar triste. O olhar meigo. O olhar arrogante. O olhar do terror. O olhar da súplica. O olhar de gozo. O olhar que baila num sorriso. O olhar concentrado. O olhar disperso. O olhar da aceitação. O olhar do desprezo. O olhar compassivo. O olhar do desespero. O olhar sedutor. O olhar envergonhado. Ah!, o olhar da despedida final para sempre! O olhar morto, que já não é olhar! Ao morto fechamos-lhe os olhos.

Mais uma vez, o olhar é a presença misteriosa de alguém, que ao mesmo tempo se desvela e se vela. Já ao nível do tal cão velho e abandonado pode erguer-se o sobressalto da pergunta: o que é e como é ser cão? Mas é uma sensação de abismo, um belo dia, precisamente perante o olhar de alguém, ficarmos paralisados com a interrogação: o que é ser alguém outro? Porque a outra pessoa - o outro homem ou a outra mulher - não é simplesmente outro eu, mas um eu outro. Explicitando: o que é e como é ser o Juan ou a Eunice, viver-se a si mesmo por dentro como o Juan ou a Eunice? Nunca saberei. E como é o mundo visto a partir deles? E como é que ele ou ela me vêem? O quê e quem sou eu realmente para eles, a partir do seu olhar? É certo que só vimos a nós pela mediação do outro. Sem outros eu enquanto tus, não há eu. Entre mim e o outro há uma tensão dialéctica: de distância e proximidade. Afinal, a relação com o outro pode ser de rivalidade ou de aliança, de destruição ou de criação. Então, precisamente no olhar do outro enquanto próximo inobjectivável, irredutível, de que não posso dispor, pode revelar-se o apelo misterioso da proximidade infinita do Deus infinitamente Outro, Presença amorosa infinita...

Como é que foi possível o dinamismo do universo ir-se configurando ao longo de milhares de milhões de anos até à sua concentração na forma de um rosto enquanto divino visto? Pode ser nele que Deus nos visita e interpela.

No rosto, há uma pessoa que se apresenta e é vista. Por isso, o mistério de um rosto morto é que nele o que se mostra é a ausência definitiva de um alguém. Para sempre.

Para sempre?

Final mesmo é a esperança da convocação por Deus de todos os rostos da história do mundo, transfigurados pelo esplendor divino da eternidade. Já não haverá lágrimas nem dor nem sofrimento nem morte. Como diz o Apocalipse: *"Vi então um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra são do passado, e o mal já não existe. Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade santa, a Jerusalém nova, pronta como esposa adornada para o seu esposo. Nisto, ouvi uma voz forte que, do trono, dizia: eis a tenda de Deus entre os homens. Ele habitará com eles, eles serão o seu povo e Ele, Deus-com-eles, será o seu Deus. Ele enxugará todas as lágrimas dos seus olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor! Não haverá mais dor! Sim! As coisas antigas passaram! Aquele que está sentado no trono declarou então: eis que faço novas todas as coisas!"*

3 - Por tudo isto, considero um crime a imposição da *burqa*. Eu já vi ao vivo mulheres com a *burqa*: verdadeiros sacos ambulantes. Rouba-se-lhes o rosto, o olhar, a identidade. É um crime de lesa-humanidade.



ANSELMO BORGES. Padre e professor de Filosofia. Escreve de acordo com a antiga ortografia.

<https://www.dn.pt/opiniao/o-misterio-de-um-rosto-de-um-olhar-e-a-burqa-14064397.html>

ventos de golpe sopram no Vaticano

Segundo a revista da Companhia de Jesus *"La Civiltà Cattolica"* (Itália - 21 de setembro de 2021), o Papa Francisco, no passado domingo, 12 de setembro, na Nunciatura de Bratislava (Eslováquia), num encontro com 53 coirmãos, questionado acerca da sua saúde, depois da intervenção cirúrgica a que foi submetido, respondeu: *"Continuo vivo, embora alguns me quisessem morto. Sei que até houve encontros entre prelados que achavam que a situação do Papa era mais séria do que o que foi dito. Estavam já a preparar o conclave. Paciência!"*.



São dois livros, têm o mesmo título – *“O Próximo Papa”* – foram publicados por instituições da direita católica mais reacionária e traçam cenários onde se põe a carroça à frente dos bois: o afastamento do Papa Francisco, que goza de excelente saúde, que seria transformado em Papa emérito, tal como aconteceu com Bento XVI, mas por razões bem diferentes. Editados na Europa, não se trata de livros inocentes nem desinteressados: traçam cenários para um próximo conclave e propõem listas de “papáveis” onde pontificam algumas figuras ultramontanas europeias e norte-americanas que se têm

distinguido na conspiração permanente contra Francisco. Nos meandros vaticanos correm rumores de que por detrás destas listas estão a CIA e o FBI, além de políticos e governos europeus e norte-americanos, sem esquecer os grandes conglomerados económico-financeiros, que pretendem um Pontífice talhado à sua medida.

BERNARDO BARRANCO V.,
La Jornada/O Lado Oscuro
(<https://www.oladooculto.com/noticias.php?id=851>) (2020-08-25)

A direita conservadora, em particular a anglo-saxónica, pretende que o pontificado de Jorge Bergoglio, o Papa Francisco, chegue ao

fim. Dois livros com o mesmo título – *The Next Pope (O Próximo Papa)* – publicados por esta corrente ambicionam criar uma atmosfera de

fim de pontificado e buscar desde já o sucessor de Francisco. É compreensível o alarme mediático da direita com a saúde frágil do Papa emérito Joseph Ratzinger, Bento XVI, considerado pela direita o verdadeiro Papa, em contraposição a Francisco, o Papa terceiro mundista, o pontífice de um surpreendente progressismo católico. Esta direita, com tendências para o cisma, luta por uma hermenêutica de continuidade dos reacionários João Paulo II e Bento XVI. Não tolera as rupturas de um pontificado latino-americano plebeu, ainda que este se apoie no Concílio Vaticano II. Para esses sectores, ao cabo de sete anos Francisco deve ser substituído ou eliminado. Por isso, a direita norte-americana, talvez imbuída da atmosfera eleitoral dos Estados Unidos, monta um clima antecipado de conclave sucessório.

Conspiração

O primeiro livro foi escrito pelo conhecido historiador GEORGE WEIGEL; o segundo, pelo jornalista EDWARD PENTIN, correspondente em Roma do *National Catholic Register* e colaborador habitual da rede de TV conservadora EWTN. Este último teve a audácia de propor candidatos para um hipotético conclave que afaste do cargo um pontífice de 83 anos que goza de ótima saúde e pleno domínio do seu poder pontifício. O texto é uma provocação – pois o Papa está vivo – e, portanto, uma proposta editorial desleal. Trata-se de um ataque político disfarçado à liderança de Francisco, cujo fim do pontificado pretende antecipar. O precedente da renúncia de Bento XVI sugeriria que não é preciso esperar necessariamente a

morte de um Papa para eleger um sucessor. Francisco poderia decidir, também, converter-se em emérito. Como no filme da Netflix, *Dois Papas*, Bergoglio poderia tornar-se o grande eleitor do próximo Papa. Numa entrevista, o autor do livro afirmou: “**é possível que possa renunciar e há muitas teorias a este respeito**”. Uma assegura, sempre segundo PENTIN, que Francisco esperaria primeiro que Bento XVI morra. Bergoglio tentaria indicar o cardeal filipino LUIS ANTONIO TAGLE. Outros creem muito pouco provável que Bergoglio renuncie, em especial porque tem planos para reformar a Igreja.

O livro de PENTIN, que tem por subtítulo “*Os principais cardeais candidatos*”, foi editado pela *Sophia Institute Press*, uma instituição conservadora. Em mais de 700 páginas, traça os perfis de 19 supostos candidatos a Papa. O objectivo do trabalho é explícito: trata-se de chegar ao conclave com a maior informação possível sobre os candidatos. A obra é uma detalhada compilação de informações sobre cada um dos cardeais que se apresentariam para uma nova era pós-franciscana. O texto reflecte uma visão bastante obcecada sobre o estado da Igreja. Em Roma circula o rumor de que a lista dos 19 papáveis propostos foi fruto de minuciosas investigações do FBI e dos registos da CIA. Mostraria o interesse e impaciência do governo de Donald Trump para retirar legitimidade a um dirigente internacional antagónico aos interesses actuais da Casa Branca.

À direita das direitas

PENTIN aponta diversos candidatos,

mas predominam os conservadores. E é claro que há na lista vários ultraconservadores, como o cardeal norte-americano RAYMOND BURKE e o guineense ROBERT SARAH, que se distinguem pela oposição aberta às posições de Francisco. Poucos são progressistas – como o mencionado TAGLE, cardeal emérito de Manila e atual Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos e presidente da Caritas Internacional.



Card. Raymond Burke e Robert Sarah

Também figuram personagens ao centro, como o secretário de Estado do Vaticano, PIETRO PAROLIN, que teria o suposto inconveniente de uma ligação estreita com Francisco. Parolin mantém perfil baixo, é italiano e condescendente com a beligerante ala conservadora. Tem 65 anos e seria capaz de produzir um consenso entre as alas em disputa. Homem do aparelho vaticano e diplomático, jamais foi, porém, bispo de diocese – ou seja, não tem “perfil pastoral”. Pentin excluiu da sua lista quatro dos seis cardeais de peso que assessoram atualmente Francisco. São eles REINHARD MARX, arcebispo de Munique e ex-presidente da Conferência Episcopal Alemã; OSWALD GRACIAS, arcebispo de

Mumbai; GIUSEPPE BERTELLO, presidente da Pontifícia Comissão para o Estado da Cidade do Vaticano e ÓSCAR MARADIAGA, arcebispo de Tegucigalpa, Honduras.

O atual colégio de cardeais que elegeria o novo Papa parece equilibrado. Nele, 66 dos eleitores (54%) foram nomeados por Francisco, 40 por Bento XVI e 16 por João Paulo II. O Papa argentino designou 88 cardeais, muitos não elegíveis por idade. Francisco privilegiou o Terceiro Mundo: 17 países têm pela primeira vez um cardeal. O Colégio Cardinalício também é menos europeu – 41% dos eleitores têm esta origem – e, no seu conjunto, os prelados têm menos experiência burocrática do funcionamento do Vaticano.

Francisco é alvo de severas atitudes de contestação na Europa e Estados Unidos, onde se pretende minar a sua autoridade e abrandar o ritmo das reformas que promove. Nos ataques estão envolvidos também políticos, governos e empresas, especialmente grandes grupos económicos que anseiam por um Papa a seu gosto, sobretudo que não critique a ordem neoliberal estabelecida à escala praticamente global.



[Por detrás de um rosto...]

Por detrás de um rosto...
Há um brilho nos olhos,
Um coração que bate,
Com amor aos molhos.

Por detrás de um rosto...
Há um lindo sorriso,
Muita alegria,
Porque assim é preciso.

Por detrás de um rosto...
Há muita felicidade,
Amor abundante,
Beleza... Beldade.

Por detrás de um rosto...
Se sente saudade,
Tristeza... Alegria...
Felicidade...

Por detrás de um rosto...
Há um ser humano,
Às vezes maltratado,
Por alguém desumano.

Por detrás de um rosto...
Também se pode gritar,
De dor ou alegria,
De um coração a sangrar.

Por detrás de um rosto...
Quanto sentimento,
Numa vida constante,
Desalento.

Por detrás de um rosto...
Alguém quer brincar,
Cantar e dançar,
Num constante sonhar.

Por detrás de um rosto...
Refletindo paixão,
Alguém que precisa,
Que se lhe dê a mão.

Por detrás de um rosto...
Por vezes a chorar,
Talvez por um desgosto,
De a saúde faltar.

Por detrás de um rosto...
Cansado da vida,
Às vezes pacata,
Outras sofrida.

Por detrás de um rosto...
Se esconde a luz,
Quando irrefletida,
Tristeza produz.

Por detrás de um rosto...
Uma personalidade querida,
Paz interior,
Pela vida corrida.

Por detrás de um rosto...
Alegria em abundância,
Saber viver,
Com elegância.

Por detrás de um rosto...
Muitos eventos ocorrem,
Alegria ou desgosto,
Todos eles morrem.

Por detrás de um rosto...
Há paz e serenidade,
Um refrigério na mente,
No corpo tranquilidade.

Por detrás de um rosto...
Um coração a doer,
Cheio de cicatrizes,
Não consegue esquecer.

Por detrás de um rosto...
Um ser a sentir e a pensar,
De quem viveu a vida,
Num complexo verbo amar.